



Elciene Azevedo, **Orfeu de Carapinha: A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

por *Fernando Antonio Lourenço*

Neste livro valioso, Elciene Azevedo narra e interpreta, com sensibilidade e rigor, a singular trajetória de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, filho da africana livre Luiza Mahin com um fidalgo português, que mais tarde o venderia ilegalmente. Na condição de escravo doméstico, Luiz Gama foi adestrado nas tarefas de lavar, engomar e costurar. Ainda como cativo, aprendeu o ofício de sapateiro, as primeiras letras e a “contar alguma coisa”. Após conseguir sua liberdade, Luiz Gama converte-se em homem de letras e abolicionista radical, obstinadamente comprometido na luta contra o direito de propriedade sobre o homem e a favor da igualdade da humanidade inteira. Uma trajetória que fascina. Estudá-la não é tarefa que se faça sem riscos. Trilhando a senda recentemente aberta por pesquisas sobre o intrincado processo de produção de dependentes no Império liberal-escravista, Elciene Azevedo finta, num só lance, a simplificação de um olhar que se compadece diante do martírio dos negros escravizados, mas que tão-somente os vitimizam, e a perspectiva oposta que, ao sublimar a resistência dos humilhados e ofendidos, elide os dispositivos que perpetuam a dominação através dos próprios dominados.

Elciene nos mostra, fundada em diversificada documentação, o drama da excepcional trajetória de Luiz Gama, sua busca e conquista de reconhecimento no interior de uma configuração social entretecida por uma rede de interdependências, conflitos e alianças envolvendo escravos, libertos, poder público e classe senhorial. Reconhecimento conseguido, não sem escaramuças e perseguições, graças aos laços de apadrinhamento e ao capital de relações que Luiz Gama acumulou na condição de poeta, funcionário público, jornalista, republicano, advogado e abolicionista, mas não à custa da renúncia do seu empenho em criticar, com arrebatamento e sagacidade, uma ordem social que considerava injusta.

Após retomar a preciosa autobiografia de Luiz Gama, Elciene analisa seu ingresso no seletto mundo branco das letras, quando, em 1859 publica as Primeiras trovas burlescas de Getulino. São versos que combinam denúncia contra a discriminação, aspirações democráticas, valorização da identidade africana com recorrentes passagens em que aparenta assentir com uma posição inferior – um recurso intencional da sua crítica imanente à ordem escravista. Elciene é certa: “Sua crítica se fazia, assim, por dentro da lógica do domínio senhorial, colocando-se exatamente na posição em que um senhor gostaria de vê-lo, sem ferir diretamente ou transgredir os domínios da dependência”.

Luiz Gama amplia seu círculo de relações quando ingressa no seletto mundo branco do jornalismo, da maçonaria e da vida partidária. Aqui também fez adeptos e desafetos, viveu tormentosos e exaltados momentos num vaivém de “aceitação e proteção”, “exclusão e repulsa”. Fomentou a causa republicana que, na sua concepção, deveria expressar “a busca da liberdade e da igualdade”. Hábil negociador, persuadiu aristocratas e reverteu, a seu favor, a lógica da dominação pessoal. Conseguiu a estima de amigos e a solidariedade dos pobres.

No título do último capítulo, “O rábula da liberdade”, Elciene Azevedo sumariou não só a trajetória do Orfeu da Carapinha, um mestre na conversão da mácula em virtude, como também o seu desmedido empenho em defender “todas as causas de liberdade que os interessados lhe quiserem confiar”. Nestes tempos em que muitos críticos da ordem acabam por se transfigurar em conselheiros do príncipe, a trajetória de Luiz Gama é um rebate à restauração de uma velha

sociodicéia legitimadora da exclusão de alguns seres humanos como condição inescapável ao progresso da nação.

Fernando Antonio Lourenço
Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp
* Publicado no D.O. Leitura de agosto de 1999, p.15